



DO PRECIPÍCIO TEMPESTUOSO DE RICARDO III

LUÍS MESTRE



1

DO PRECIPÍCIO TEMPESTUOSO DE RICARDO III

Versão apresentada no TeCA - Teatro Carlos Alberto, Porto, de 21 a 24 de Fevereiro de 2013.

Algumas porções do diálogo aparecem em parêntesis, e servem para marcar uma pequena mudança de perspectiva por parte do emissor – uma mudança momentânea para um modo mais introspectivo.

DO PRECIPÍCIO TEMPESTUOSO DE RICARDO III

UM

Uma sala. Um homem, nos seus cinquentas, sentado numa cadeira de rodas. Veste um fato de corte fino. Tem parte de um taco de bilhar a fazer de tala numa das pernas. Atrás de si, um suporte vazio para soro, um candeeiro de pé clássico e belo e a caixa do taco de bilhar. A seu lado, uma poltrona com uma pasta de anotações médicas. Escuro.

quem está aí?
está aí alguém?

acende o candeeiro. Luz. Pausa

ah,
eu sabia.
às vezes
um homem tem
um pressentimento.
um sentimento que está antes
antes de nós.
anterior a nós próprios.
(somos o ovo,
o pressentimento a galinha.
ou vice-versa.)
é como o preconceito:
também está antes de nós.
está antes
daquilo que pensamos
sobre o outro.
ou sobre nós próprios,
sei lá.
como se uma dor num pé
pudesse existir
antes do pé.
ou como se a dor continuasse lá,
apesar do pé e da perna
já lá não estarem
já lá não estão.
arrancaram-na,
à perna

não à dor.
foi-se.
foi-se embora.
foram-se.
pé e perna.
tiraram-na,
levaram-na.
nunca existiu.
está lá agora um pedaço
de madeira,
que tem dores.
e antes das dores
uma espécie de comichão.
(bolor antes de ser carne?
serradura antes de ser madeira?)
e curioso
dói-me mais o pé,
dói-me mais a perna,
conforme o tempo que faz.
quanto mais húmido, mais dói.
quanto mais dói, menos ando.
quanto menos ando...
e aqui estou.
sentado
parado, mas a andar.

pausa

gostaria que me dissessem qual o estado do tempo.
gostaria que me dissessem
exactamente
que tempo vai estar hoje.

e
que dia é hoje.
ou ontem.
é noite?
é de noite?
que noite é esta?
é a noite de ontem,
ou de anteontem?

pausa

está aí alguém?

pausa longa

gostaria
que me trouxessem um copo de whisky

puro.
seria muito amável da vossa parte.
um bom whisky
puro.
tragam-me whisky
puro
e sirvam-se.
não gosto de beber sozinho.
estou aqui
sentado
para sempre.

trauteando várias vezes

para sempre
aqui
sentado.
a andar.

pausa

levo as comichões
e as dores comigo.
sempre a andar
sentado.

pausa

estão a ouvir?
está aqui alguém.
que tempo está?
chove.
chove muito
ou pouco?
o céu limpo.
(Deus tem uma mulher a dias,
às vezes limpa tanto o céu
que ele fica sem nuvens.
fica só um cheirinho a amoníaco.)

pausa curta

o Inverno acabou?
já se foi?
já se converteu
o Inverno?
agora em sol
ou lua
descoberta?
primavera
sem nuvens.

está sol?
é o sol
que está lá fora?
céu limpo.
o descontentamento terminou?
o Inverno acabou.
o whisky é que nem vê-lo...
tragam-me whisky
e sirvam-se.
(não gosto de beber sozinho.)
está aí alguém?
não tenham pressentimentos.
preconceitos.
não se assustem:
lá porque não fui feito
para jogos de amor
ou brincos
pérolas
piercings
ou outros pechisbeques
que não me ficariam bem
a natureza fez-me assim
e está feito.
(estou feito.)
lá porque
não tenho jeito para namorar
conquistar
lá porque o meu encanto
não existe
a natureza não mo deu
nem sequer me olhou
quando me pariram...
 interrompe-se. Pausa
os cães ladram
rosnam
à minha passagem manca.
os seus caninos divertem-se
no meu toco.
no meu pé
na minha perna
que já lá não está.
 em tom zangado
mas a dor está

a dor está cá.
depois da comichão.
preconceituosa.
é um erro
o erro
não a dor
o erro é a formação
ou deformação assim se chama,
marca rude feia
no lugar da perna um toco
igualmente rude
igualmente feio.
mordido.
pausa
mas está aí alguém?
silêncio
alguém me pode trazer
um whisky?
alguém?
pausa
não tenham medo.
a mim
só me resta a minha deformidade.
cantá-la
cantar a minha própria deformidade.
e misturar as conjuras
as tramas
as acusações
e os sonhos
com os ódios
mortíferos
nos prazeres vazios destes dias.
pausa curta
algo que se beba?
alguém?
um whisky
e os meus pensamentos
mergulham fundo
na minha alma
que é um toco.
um outro toco
com marcas de caninos.

vislumbra um espectro. Ao fundo, entra um enfermeiro com um saco de soro na mão. Durante a cena, verifica o pulso do homem, toma notas na pasta e insere-lhe o soro numa das mãos

ah,

alguém finalmente.

alguém.

um espectro em forma humana?

um humano-espectro-homem.

e o que vejo?

mãos vazias.

nem um copo

nem uma garrafa.

nada traz.

nada.

nada mesmo?

nada se aproxima.

sabes dizer-me

trazer a notícia

que dia é hoje?

silêncio. Reconhece no enfermeiro o irmão, o Duque de Clarence

Clarence,

querido irmão

és tu?

tão jovem.

estás

vivo?

encarcerado?

pausa. Agarrando o enfermeiro de uma forma violenta

incitei o ódio d'El-Rei Eduardo,

nosso irmão,

contra ti,

com mentiras temperadas

argumentos poderosos

tirando-te dias de vida

e de prazer

e reduzindo-tos a apenas um,

um dia

numa torre

encarcerado.

e depois a noite.

(a tua prisão não foi longa.)

solta o enfermeiro. Pausa

mas estás jovem e vivo.

e bonito.
não errei
o meu intento:
eu matei-te.
que fazes aqui?
inteiro.
eu enviei para o céu
a tua alma.
Clarence,
tu ainda respiras
mas Eduardo já não reina.
como é isso possível.
(eu falhei?)
diz-me que dia
é hoje.
ou que noite será
ou que foi?
ah
que dizes,
Clarence?

pausa curta

não creio que nenhum de nós
esteja a salvo.
estamos ambos perdidos.
passo noites tormentosas,
cheias de sonhos
horrendos,
visões
de feras.

pausa

sonhei que tinhas fugido da torre.
comigo!
e que estávamos numa barca
em direcção a Borgonha.
ambos no tombadilho.
olhávamos a Inglaterra
relembrávamos os tempos difíceis
por que havíamos passado.

pausa curta

enquanto andávamos
pelo chão traiçoeiro
escorregadio
do tombadilho,

tropeçaste e ao caíres
lançaste-me
(eu,
estranhamente tentava amparar-te,
até porque desejei
ordenei
a tua morte)
lançaste-me, dizia,
para o fundo do oceano.
ali
conheci a dor do afogamento.
a morte crua
e transparente
nos meus olhos.
la morte per acqua
in tutte le notti tempestose.
morro e acordo.
e agora tu aqui,
sonhei mil vezes
mataste-me outras mil.

pausa

perdoa-me,
querido irmão.
perdoas?

silêncio

tens alguma coisa que se beba?
um copo entre amigos,
irmãos perdidos
na noite.
um whisky
ah?
traz-me whisky
e serve-te.
não faças cerimónia,
sabes que não gosto de beber sozinho.

ouve-se, em tom baixo, uma ária de uma mezzo-soprano
aqui.
sentado.

o enfermeiro sai
Clarence?

um pouco mais alto
Clarence.

escuro lento

DOIS

A ária continua. Luz. O homem dorme sentado na cadeira de rodas. Na poltrona, o enfermeiro come um Big Mac. Tem as batatas untadas com ketchup. Escuro. Pausa. Luz. Na poltrona, o enfermeiro dorme. No seu colo e no chão à sua volta está o que resta do Big Mac. O homem sentado, agora acordado, tem na sua mão a parte mais fina do taco de bilhar. Segura-o como se fosse uma batuta, como se dirigisse a ária. Atrás de si a caixa do taco de bilhar encontra-se aberta e vazia. Inesperadamente, o homem começa a argumentar com a voz da mezzo-soprano como se esta fosse o espectro de Ana.

Ana,
porque me cospes na cara?
eu que lamento a queda
do teu Lancastre.
e porque me acusas de tal morte?

pausa

não matei o teu marido.
mas ele
também vivo não está.
está morto
foi abatido pela mão de Eduardo.
olha
olha para as minhas mãos
estão limpas.

pausa

Ana, por caridade
não blasfemes assim.
tremo.
tenho medo.

olha para o enfermeiro, que dorme, e vê nele o espectro do corpo do Rei Henrique. Aproveitando o ketchup que sobrou do Big Mac, começa a besuntar a face e a camiseta do enfermeiro recriando assim as feridas do Rei morto. Aterrado

*(oh, o corpo morto do Rei
Henrique
sangra
à minha passagem.
eu que fiz da terra feliz o meu inferno.
o meu Inverno.
enchi-a com gritos de maldição
profundos clamores.)
olhem, olhem.
as feridas do Rei Henrique
sem vida*

abriram e sangram de novo.
é a minha presença
que as faz sangrar
sangue de veias geladas e vazias.
que dilúvio este.

silêncio

ah Ana,
concedo-te
que
fui provocado pelo meu espírito
perverso.
tornei-me num porco-espinho.
mas foste a causa
para o efeito.
foi a tua beleza
que me perseguiu noite dentro
em sonhos
para me dar a cargo
a morte do mundo inteiro
para que pudéssemos
viver uma hora apenas,
juntos
e sós.
(não me amaldiçoas.)
teus olhos envenenaram os meus.
oxalá fossem agora
basiliscos
para eu morrer
neste instante.
porque eles matam-me
agora
de uma morte viva.
os teus olhos
arrancaram-me lágrimas.
gotas infantis.
os meus olhos estavam secos
como um deserto.

pausa

nunca supliquei
a amigo,
a inimigo,
a minha língua
nunca teve falas suaves.

mas tu, Ana
és o reino que desejo.
o meu coração
e a minha língua
suplicam.
(esses teus lábios
foram feitos para beijar,
não para cuspir.)
mas se queres vingança,
se o teu coração
não me pode perdoar
Ana,
usa esta lâmina
e enterra-a
em mim
no meu peito.
usa-a no meu pescoço.
mergulha-a fundo
na minha alma
ou no toco
com marcas de caninos
que está no lugar dela.

silêncio

mata-me.

pausa. Em tom alto

não hesites.

porque eu matei o Rei.

matei o teu marido.

mas foste tu

a tua beleza

os teus olhos

que me levaram a isso.

em tom mais alto ainda

vá, mata-me depressa.

levanta a lâmina

ou levanta-me a mim.

pausa. A ária termina. Silêncio

terá havido mulher de tal sorte cortejada?

terá havido mulher de tal sorte conquistada?

será minha, mas não por largo tempo.

eu que lhe matei o marido e a este o pai.

porém, ela aceita baixar a vista sobre mim,

eu que a tornei viúva em doloroso leito.

sobre mim,
que coxeio e sou assim disforme.
escuro lento

TRÊS

O homem sentado na cadeira de rodas. A seu lado, de pé, o enfermeiro. Na mão um copo prateado com água.

que dia é hoje?

é noite.

já é noite?

pausa curta. O enfermeiro estende a mão com alguns comprimidos

ah os comprimidos.

é manhã.

é manhã de que dia?

de que noite?

silêncio. O homem pega nos comprimidos e mete-os na boca. Engole-os com o auxílio da água

tenho

os músculos

torcidos.

como se tivesse andado.

como se tivesse corrido.

uma maratona.

um longa maratona.

como se fossem horas

dias

sobre as pernas, pés.

até a perna que não é perna

se queixa.

essa é que dói mais.

como se fosse carne

cartilagem.

músculos

nervos.

mas não passa de um toco.

(cartilagem roubada.)

um músculo de madeira,

destreinado.

com nervos sensíveis.

como é isso possível?

(serradura?)

pausa curta. O enfermeiro estende a mão com alguns comprimidos. Com o auxílio da água, o homem engole-os com alguma dificuldade

podes dizer-me que dia é hoje?

que manhã é esta?

pausa curta

ah,
a dor continua cá
e o pé
e a perna
já cá não estão.
maldito pedaço de madeira.

pausa curta

podes trazer-me um whisky?
puro.
com o pequeno almoço.

pausa curta. O enfermeiro estende a mão com alguns comprimidos

quantos faltam?
quantos comprimidos faltam
para o pequeno almoço?
quantas cores
nomes esquisitos
quantos comprimidos?
todas as manhãs
um arco-íris,
sem a luz do sol.
um arco-íris
na palma da mão.
um micro-cosmos.
escuro. morto.
buraco negro.

o homem engole-os com o auxílio da água. Desta vez com muita dificuldade. O enfermeiro tira-lhe o copo prateado e sai

porque não abres as portadas?
um pouco de luz
a este cemitério
logo pela manhã.
maldito dia
todos os dias.

silêncio curto. Em tom muito alto

luz!
dêem-me luz!

silêncio

ninguém
tudo vazio
como um cemitério sem fim.
cheio.

silêncio. O enfermeiro regressa com o pequeno-almoço num prato prateado. Oferece-o ao homem

e o whisky?

silêncio. O homem pega no prato prateado e começa a comer. O enfermeiro sai. Silêncio. Em tom muito alto
whisky!

silêncio. Espera que lhe tragam o whisky durante uns momentos
(nada.)

pausa. Recomeça a comer. Silêncio. Chamando o enfermeiro
Buckingham!

pausa

Buck
ing
ham...

pausa.
então o que dizem
os cidadãos?
estão mudos?

pausa
não dizem palavra alguma.
só deixarei que me falem
depois de
insistirem bastante.
e um livro de orações...

em tom mais alto
preciso de um livro de orações.

pausa muito curta
e um whisky.
puro.

pausa
Buckingham!

pausa longa
assim que começarem a interceder
vou juntar todas as minhas energias
para dizer não,
isto numa fase inicial.
depois mediante as insistências
aceitarei o cargo.

ri-se
pois faria um grande erro
em recusar o lugar supremo
o majestoso trono
o ofício coroado,
a fortuna
e não reinar nesta ilha sem governo.

pausa. Chamando o enfermeiro
Buckingham!

o enfermeiro regressa com um livro na mão, um best-seller daqueles que se vendem nos aeroportos
entra.

entrega o livro ao homem e sai levando consigo os restos do pequeno-almoço no prato prateado. Em tom alto

en
trem
todos.

pausa
bem-vindos.

silêncio. O homem prepara a pose. Discursando humildemente sentado na cadeira de rodas

caros cidadãos,
vejo que querem impôr
o dourado jugo da soberania
a este afamado Plantageneta.
pois eu
dou-vos já
a minha resposta final:
todo o vosso amor
merece a minha gratidão,
mas o meu demérito
ordena-me que recuse,
tal é a pobreza do meu espírito.
mas, Deus seja louvado,
dar-vos-ei toda a minha ajuda
caso precisem dela.
adeus!

esconde-se atrás do livro como se o estivesse a ler. Silêncio. Espreita por cima do livro. Agindo como se os cidadãos insistissem
ahh

não não não não não não não.
porque insistem
e me põem
todo este peso em cima?
porque me fazem isto?
olhem bem para mim.
não fui feito para o trono.
não
não posso aceitar.

pausa. Mais insistências dos cidadãos

querem forçar-me a um mundo de tormentos?
eu não sou feito de pedra.

silêncio. O homem reflete um pouco. Em tom algo solene
primo de Buckingham e cidadãos
quereis pôr um pesado fardo no meu dorso
quer eu o suporte ou não.
já vi que tenho de ser paciente
e suportar o peso.

pausa
mas
se por acaso
por algum acaso
por acaso algum
surgir qualquer escândalo
negro
ou censura
aos meus procedimentos
como
Rei
ou caso se revele em mim
uma mancha negra,
impura,
esta vossa coacção
deixar-me-á livre.

pausa
bem,
aceito o trono
e
o fardo.

*pausa. O homem repara que o livro que tem na mão não é um livro de ora-
ções. Em tom baixo*
o que é isto?

pausa curta
hoje
é o dia
da minha coroação.

*pausa curta. Ouve-se, cada vez mais alto, a música da coroação. O homem pega
no candeeiro atrás de si e puxa-o, fazendo com que a fonte de luz fique imediata-
mente atrás da sua cabeça como que a produzir um halo. Acena várias vezes. A
música termina. Escuro*

QUATRO

A mesma sala, completamente desarrumada. Escuro.

quem está aí?

está aí alguém?

ouve-se, no escuro, um estrondo enorme. Gritando de dor

ahhh... foda-se!

pausa. Em tom alto, chamando o enfermeiro

Buckingham!

silêncio curto

maldito traidor.

fugiu

afastou-se

para Gales.

pausa. Ouvimos algumas interjeições e o som de um corpo a arrastar-se com

uma respiração ofegante

a noite vai alta

e escura.

(foda-se. até vi estrelas.)

acende o candeeiro. Luz. O homem está deitado no chão. A cadeira de rodas está

tombada. Pausa. Em tom alto, chamando o enfermeiro

Buckingham!

pausa. Com enorme dificuldade consegue levantar-se. Pausa. Olha em volta

está aí alguém?

pausa

gostaria

que me trouxessem um copo de whisky

puro.

seria muito amável da vossa parte.

um bom whisky

puro.

tragam-me whisky

puro

e sirvam-se.

não gosto de beber sozinho.

pausa

estão a ouvir?

está aí alguém?

silêncio

alguém me pode trazer

um whisky?

alguém?

algo que se beba?

um whisky.

silêncio

bom,

vou buscar eu mesmo.

dá alguns passos e decide retirar da perna o taco de bilhar que fazia de tala. Atira-o para o chão. Sai. Silêncio. Chama em tom alto, fora de cena, por Buckingham. Silêncio. Uns momentos depois regressa, numa mão uma belíssima taça de cristal cheia de morangos e na outra um telefone fixo de disco com um longo fio até fora de cena. E sem o whisky

(Buckingham!)

pausa

cabrão traidor.

desertor.

senta-se, com dificuldade, na poltrona. No seu colo coloca a taça de morangos e o telefone. Enquanto saboreia um ou dois morangos, disca um número no telefone. Pausa longa. Irritado desliga-o

(malditas máquinas...)

em tom calmo e pausado

filho-da-puta.

saboreia alguns morangos. Uns instantes depois disca um número no telefone.

Pausa. Ao telefone

és tu, Isabel?

não, não desligues.

não me abandones.

tenho uma palavra para te dizer.

não te afastes.

não me receies.

pausa

tens

uma filha

virtuosa

e bela.

graciosa

de nome

Isabel.

não te preocupes

não quero manchar

o nascimento dela.

é uma princesa real.

a sua vida está assegurada

pelo nascimento

a mesma segurança

tornada insegurança

que lhe matou os irmãos.
inevitável foi a condenação do destino.
mas tiveram uma vida justa.

pausa

eu prometo-te agora
um bem maior
do que o mal que sofreste pela minha mão.
tudo o que tenho,
sim,
e eu próprio
e tudo
tudo
quero doar à tua filha
que amo do fundo da minha alma.
não me interpretes mal.
quero fazer dela Rainha de Inglaterra.

silêncio

tudo o que fiz
o que cometi
foi por amor a ela.

pausa

e o que está feito, feito está.
não pode ser emendado.
se aos teus filhos tomei o reino
à tua filha o darei.
se nos teus filhos
matei o fruto
do teu ventre
vou dar
gerar
fruto meu
com o teu sangue
no ventre da tua filha.
os teus filhos
foram nojo para a tua juventude.
mas o meu será conforto
para os teus anos avançados.
a perda que tiveste
é só um filho que era Rei
e por essa perda
a tua filha será Rainha.
é esta a reparação
que te posso dar.

e todas estas ruínas
de tempos desgostosos
serão reparadas com dobradas riquezas de contentamento.

pausa curta

quê!
ainda veremos muitos e bons dias.

pausa

dá conhecimento
à Princesa
à tua filha
das minhas intenções.
prepara-lhe os ouvidos
para as minhas proposições
de amor.
acende-lhe no peito
uma chama
soberana
dourada.

pausa

e se um dia
por algum acaso
por acaso algum
caso
acaso
algum
eu deixar de amar a tua filha real
eu mesmo a mim próprio
me destruo
que Deus e a fortuna
me neguem horas felizes.
que o dia não me conceda luz
nem a noite me conceda repouso.
que os planetas de boa sorte
me sejam contrários.
que a morte,
desolação,
ruína e decadên...

interrompe-se. A chamada foi desligada do outro lado. Silêncio longo. Pousa o auscultador. Silêncio durante o qual saboreia um ou dois morangos. Olha em volta. Com a taça de morangos na mão, levanta-se e dá alguns passos pela sala, observando-a. Silêncio muito longo

vou deitar-me aqui
esta noite.

mas onde,
amanhã?
bem, é tudo o mesmo.

silêncio

tenho uma consciência
com milhares de línguas
todas diferentes.
e em cada língua
cada conto.
e em cada conto
cada condenação
deste vilão que sou.
perjúrio,
perjúrio
e mais perjúrio.
no mais alto grau.
assassino,
assassínio,
no mais horrendo grau.
vou cair em desespero.
as almas que assassinei e que aqui vieram
são as mesmas que farão
com que a vingança
caia na cabeça de Ricardo:
na minha cabeça.

pausa longa

quantos são os traidores?
seis sete mil?
os meus homens triplicam esse número.
e mais,
o meu nome é uma fortaleza.
vou estudar
o terreno
e as suas vantagens,
chamar homens de grande experiência.
que haja rigor
e que não haja atrasos.
o dia é operoso.

olhando para a taça de morangos

não comerei esta noite.
vou querer apenas
um whisky.
tragam-me whisky

e desta vez,
só desta vez,
deixem-me só.
quero bebê-lo sozinho.
prefiro bebê-lo sozinho.

em tom alto

um whisky.
alguém me pode trazer um whisky?
e daí-me outro cavalo.

silêncio. Serenamente, pega em alguns morangos e esfrega-os na face. Silêncio.
Um pouco desorientado, vê a cadeira de rodas tombada. Atirando a taça de morangos para o chão
ligai a minha ferida.
as minhas feridas...

algo atormentado

mas que dia é hoje?
que noite é esta?
envolta em penumbra
e espectros...
é dos Finados?
já é o Dia dos Finados?

silêncio

pois então é o Dia dos Finados.

silêncio curto

o derradeiro prazo
para a punição das minhas culpas.
as luzes ardem azuis,
é a meia-noite dos mortos.
sinto gotas frias de terror
no meu corpo
no meu toco.

pausa

esta noite de sombras
lançou o terror na minha alma.
e não vejo o dia.
está longe.
alguem viu hoje o sol?
cabrão. traidor. desertor.
(parece que não quer brilhar.)
este é um dia negro.
mas vamos,
preparem-me outro cavalo.
reunam o meu exército.

pausa curta

preparei-lhes umas palavras.

de uma forma ágil, procura as duas metades do taco de bilhar e une-as, atarraxando-as. Usando o taco de bilhar como lança

lembrem-se quem são os vossos adversários:

uma horda de vagabundos, plebeus e fugitivos,

lacaio

e, atrevo-me a dizer, uns cabrões filhos-da-puta.

são esses que trazem desassossego

a nós que somos abençoados

com a inteligência.

nós que dormimos em segurança.

e quem os comanda?

Richmond,

um homem que nunca na vida

sentiu o frio da neve a atravessar os sapatos.

um homem com duas pernas.

vamos escorraçar esses cabrões

para o outro lado do mar

repelir daqui esses animais,

pobres ratos.

eles que querem as nossas terras,

dormir com as nossas mulheres

e violar as nossas filhas.

ouve-se, em tom baixo, um coro de vozes masculinas. Em tom alto
ouvem os tambores?

lutai, lutai.

arqueiros,

puxem as flechas até às vossas cabeças.

assombrem os céus com as vossas lanças quebradas.

ao ataque!

silêncio longo. O coro de vozes masculinas termina. Silêncio. Em tom calmo
eu que numa só noite

como Rei

faço mais prodígios que todos os homens,

oponho-me a todos os perigos.

e agora que o meu cavalo está morto,

combato a pé

procuro Richmond na garganta da morte.

silêncio

alguém?...

alguém me pode trazer

um whisky?

pausa

um whisky.

o meu reino por um whisky.

silêncio

(com este meu encanto terminado

reduzo-me ao meu próprio estado

que na verdade

é bem precário.

padeço de uma arte negra

que pago com alto preço

e que os espíritos fazem surgir

de noite ou de dia.)

silêncio

resta-me um temor escuro.

silêncio longo

agora,

a vossa vontade pode deixar-me aqui

nesta terra de ninguém

nesta ilha estéril

ou enviar-me para um outro lugar...

escuro

COPYRIGHT

© LUÍS MESTRE 2013
luismestre.com
luismestre2001@gmail.com
luismestre2010@gmail.com

ISBN

ISBN 978-989-98123-9-0